

Pedregulho | Residência Artística

Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes

(Pedregulho), Rio de Janeiro, RJ

outubro de 2009 a fevereiro de 2010

O PROJETO *PEDREGULHO - RESIDÊNCIA ARTÍSTICA* REALIZOU QUATRO RESIDÊNCIAS DE ARTISTAS ACOMPANHADOS POR EQUIPES DE ARQUITETOS, URBANISTAS, HISTORIADORES, PESQUISADORES E CRÍTICOS DE ARTE NO CONJUNTO HABITACIONAL MENDES DE MORAES CONHECIDO POR PEDREGULHO, PROJETO ARQUITETÔNICO MODERNISTA DE AFFONSO EDUARDO REIDY, PROMOVEDO UMA INTERAÇÃO ENTRE CRIADORES E A COMUNIDADE.



Pedregulho | Residência Artística

Beatriz Lemos

Pesquisadora e curadora

Cristina Ribas

Artista e pesquisadora

No apartamento 613 do edifício serpenteado sobre o morro do Pedregulho misturam-se agora pistas de habitações temporárias. Ao longo de cinco meses a residência da senhora Leda, que ali vivera por 46 anos, recebeu inúmeros moradores e visitantes. Entre eles artistas, vizinhos, arquitetos, interessados, críticos de arte, passantes, turistas, urbanistas... Ao redor da mesa da sala, que no percurso dos dias se convertia de sítio do café da manhã em escritório de trabalho, escrivadinha de diários, território de reuniões movidas a jantares "amarelos", irradiavam encontros daqueles que se debruçavam sobre um (novo) projeto comum: tomar conhecimento das condições de aparecimento de formas geométricas nitidamente modernistas, impulsionadas pelo desejo de criar um modelo ideal do habitar.

Assim, então, provava-se também o escalar dos degraus amadeirados para o andar de cima do duplex, os sutis ângulos diagonais e as ortogonais forjadas, a pequena cozinha e sua janela para "fora" do apartamento. E o corredor que, com um banco coletivo transformado em elemento conectivo com moradores vizinhos, ousava ter circulação diferente da que lhe fora designada. Dali era difícil distanciar-se. O conforto também emergia, mesmo para aqueles recém chegados.¹

São 272 apartamentos no edifício curvilíneo, a unidade habitacional que, no seu conjunto, diferentemente da grande maioria das casas dos projetos de habitação social no Brasil, caracteriza a paisagem de Benfica e São Cristóvão na cidade do Rio de Janeiro há cerca de sessenta anos. O apartamento que alugamos por cerca de cinco meses era apenas um, mas o elemento essencial a promover tempo e espaço dilatados, de observação, estabilidade, confronto e possível pertencimento a este lugar... Real ou imaginário... Ao conceber o projeto não tínhamos dúvida da necessidade de celebrar anos depois e reanimar, num momento crucial (em 2009 comemoraram-se 100 anos do nascimento de seu arquiteto), o feito hoje *monumentalizado* sobre o morro... As dúvidas vieram em seguida: como elevar ao teor de sensação, pensamento, análise crítica a

elaboração de um *patrimônio*?² Parecia interessante friccionar as vontades de proposições deste Edital ao fazer da *moradia* o tempo intensivo de uma concatenação: arte e patrimônio.

A ideia de realizar o projeto, cuja ação central foi convidar artistas para residirem no Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes concebido por Affonso Eduardo Reidy, surgiu de um cruzamento de experiências, pesquisas e observações. Vida e obra de Carmen Portinho, engenheira responsável pelo projeto e companheira de Reidy, foi tema de uma das pesquisas. Carmem deve ser considerada uma das grandes personalidades da história recente brasileira. Ativista feminista em meados dos anos 20, foi uma das primeiras engenheiras e a primeira urbanista mulher do país. Criou em 1932 a *Revista Municipal de Engenharia*, que promoveria experimentos em arquitetura moderna, e também o Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal, onde trabalharia posteriormente Reidy, por doze anos.³

Pelo estudo dessa história de protagonismos, que aliam o poder de governo à ousadia e à vanguarda, pensamos que o projeto de residência artística seria também uma homenagem a ela. Junto com Reidy, Carmem foi responsável por alavancar politicamente projetos que se tornaram marcos de nossa arquitetura moderna. Entre eles o próprio Pedregulho e o "Minhocão da Gávea", assim como o Museu de Arte Moderna (MAM) – cada um hoje resultado de um percurso histórico distinto. Juntos, Reidy e Portinho se dedicaram a realizações intensas, revolucionando o pensamento para a habitação popular no Brasil, mesmo que se possa embarcar em uma análise crítica aos modos de acontecimento do socialismo ou comunismo premente a estas ações⁴ e contrabalançar as exíguas mudanças efetivas no âmbito das políticas de Estado sobre habitação de interesse social. O Pedregulho compreendia um plano complexo formado, além da unidade habitacional feita funcional e educacional, também por escola, ginásio, piscina, posto de saúde, lavanderia, cooperativa e mercado direcionados a um habitar comum e, portanto, "simplificado" pelas leis de



Fotografia da moradora Mara de Carvalho em oficina orientada por Katerina Dimitrova

uma vida moderna. Hoje chamado “Minhocão” pelos moradores locais e por seus vizinhos, foi a grande obra realizada pelo casal, construída entre os anos 1947 e 1958, e dedicada então à residência de funcionários da Prefeitura do Distrito Federal do Estado da Guanabara, imediatamente antes da guinada pontual que marcaria a cruz inicial de Brasília. Em menor escala, mas não tão diferente deste, o projeto do Pedregulho seria reconhecido em todo o mundo, disseminado através dos CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), e renderia a Reidy prêmios de arquitetura⁵ e elogios por parte daqueles que o inspiraram, como Le Corbusier e Max Bill.

A vontade de “experimentar” esse prédio tão grandioso em suas formas, e de curso histórico e político que deve ser revisto com urgência, somou-se a nossas trajetórias no campo das artes visuais, assim como à promoção de intercâmbios entre cenas de arte e agentes, investigações sobre memória e formação de arquivos, redes sociais e políticas públicas. A tentativa de compreender, mapear e problematizar arte e sociedade no Brasil e na América Latina tornou-se então via comum para formar as equipes que participaram da residência no Pedregulho. Artistas, arquitetos e urbanistas e teóricos da arte foram agrupados em quatro pequenas equipes de trabalho para atuarem diretamente no Conjunto Habitacional, por cerca de um mês. Estudar, refletir criticamente e agir formariam o tecido das colaborações até então inéditas, descobertas na maneira livre com que cada equipe compreendeu e tencionou as possibilidades de “colaboração”. As equipes mistas tiveram um desafio principal: conciliar saberes e práticas distintas, sendo uma metodologia de natureza mista, de antemão, o maquinário de alguns convidados. A ideia, desta forma, era provocar atravessamentos entre, por exemplo, um olhar sabido das estruturas e facilidades funcionais e outro atento à imaginação de uma vida comum, encontro provocador de um crispamento poético da sociabilidade, mesmo que cobogós, azulejos e esquadrias se esfacelassem a olhos nus.

Partindo da premissa de que este Conjunto Habitacional consiste em um baú de utopias, sonhos e ideologias tão instigantes quanto desafiadoras para qualquer um que se debruce sobre seus conceitos, sua história e sua atualidade, pensamos a realização do projeto com a presença dos colaboradores como orientação teórica para os artistas e como produtor de diferentes leituras para as ações realizadas. Ao passo que os arquitetos participaram das residências como agentes na mediação entre o artista, a comunidade e a arquitetura, e também fazendo uso de suas experiências radicais na área, os críticos de arte se aprofundaram nas produções dos artistas com os quais foram convidados a colaborar.

Os artistas Jarbas Lopes, Katerina Dimitrova, Luiza Baldan e os coletivos Kaza Vazia e Frente 3 de Fevereiro trilham caminhos de pesquisas bastante diferenciados entre si, e assim se especializaram as residências. Como introdução do projeto ao edifício bloco A, o “Minhocão” propriamente dito, Jarbas e Katerina optaram por investir nas relações de vizinhança, iniciando campanhas como a de separação para reciclagem de lixo e a de uma biblioteca pública para o prédio, que contou com adesão e doação de artistas e instituições de arte. O casal fez de sua passagem pelo Pedregulho a matéria-prima para as muitas conversas ocorridas no apartamento 613 com o crítico de arte Felipe Scovino acerca da potência das trocas subjetivas no campo da arte e de como estas atuam na elaboração de novos mundos. Junto com o arquiteto Wellington Cançado esboçaram um mapa ideal comum para o futuro no Conjunto Habitacional, em que desejos plantados por “sementes” de ideias já se experimentavam como realidade.

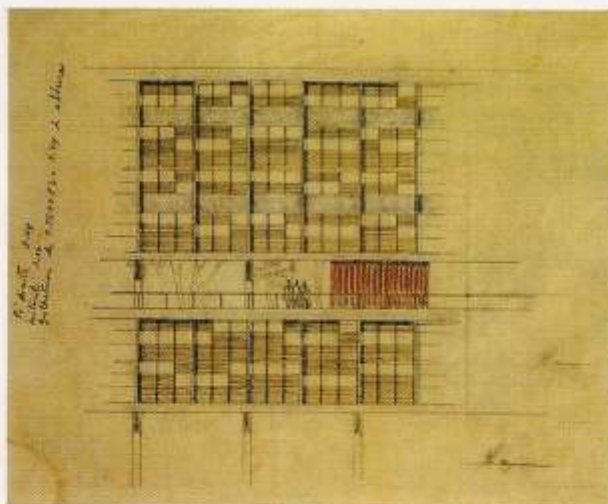
O coletivo Kaza Vazia dedicou-se a desenvolver atividades e oficinas para crianças e adolescentes, encontros de conversas no interior do apartamento e a inauguração do “Komplexo Kultural”, nossa base de atividades na área de uso comum do Conjunto (vão livre dos pilotis). Seus colaboradores Luiz Guilherme Vergara e Markito Fonseca integraram as atividades, convidando mais participantes e instaurando mesas amplas de conversa. Markito convidou colegas arquitetos, urbanistas e profissionais da área da saúde, que atuam em instituições localizadas próximas ao bairro de São Cristóvão, para ajudarem na orientação do coletivo em suas atividades com a comunidade e o prédio. A tentativa de iniciar uma horta comunitária foi uma dessas atividades, que contou com a colaboração da Fundação Osvaldo Cruz. Já Luiz Guilherme, além de organizar mesa de debates na área de lazer do Conjunto, em parceria com a Universidade Federal Fluminense, instigou o trabalho dos kazeiros a partir do incentivo a perseguir ideais

de sonhos e utopias. Sua defesa de uma arqueologia da esperança e da arte como território de processos e afetos, transmitida aos jovens artistas mineiros, foi essencial para delinear ações e ocupações do coletivo durante sua ativa residência.

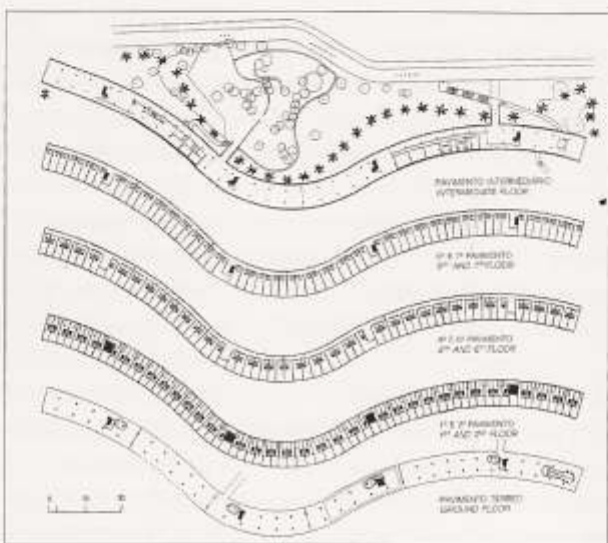
Luiza Baldan, munida de câmeras fotográficas, mudou-se para o conjunto com o intuito de produzir fotografias com os moradores. Crianças e adultos participaram das atividades que foram uma introdução à prática da fotografia "à moda antiga", para o que deveriam escolher seus lugares de afeto e produzir "retratos". Esses lugares foram, para Luiza, parte da descoberta do Pedregulho por meio de outras conjunturas de mapas, e subsídio para intercâmbio com o pesquisador e historiador Maurício Lissovsky envolvendo sensibilidades críticas, *madeleines* e uma permeabilidade de pertencimento àquele conjugado de modernismos. O coletivo de arquitetos Chiq da Silva, por sua vez, mapeou os deslocamentos no edifício, promovendo um estudo da apropriação desses moradores e observando, sobretudo, a compartimentação da "rua interna", antes via de circulação no edifício.

A liberdade de circulação, a compreensão dos códigos sociais e uma investigação do que o grupo chama de "democracia racial" conduziram o projeto do coletivo Frente 3 de Fevereiro, acompanhado de perto por Clara Passaro (que residiu com os artistas) e Marisa Flório. As ações do grupo, pensando o Pedregulho como projeto de vida comum no exercício de uma sociabilidade confinada, extrapolaram os pilotis da edificação para apontar contradições pouco assinaladas na "cidade oficial", como o muramento da favela Santa Marta. A imaginação de uma grade de segurança no próprio conjunto ativou entrevistas com os moradores e abriu conversas profícuas e infinitas com Marisa, sobre uma humanidade imaginada, nada distante de uma articulação sempre utópica e sempre conflituosa entre homens e mulheres *desideais*, dotados de corpos criativos e mais ou menos controlados por estratégias de poder.

No vão livre resistente, arquitetura indelével, uma imagem de liberdade necessariamente se projeta. Ali, ao menos, não há murada possível. Porém, o que se vê à frente é uma cidade cheia de futuros, da qual o Pedregulho não se desliga nunca e a qual é desafiada assim como ele pelos desejos da humanidade num piscar de olhos atual e imaginada. O que se chama Pedregulho é uma complexidade de detritos e afetos no tempo, casa comum de um tempo generoso de futuro, que deve ser desenhado sem esquecer a persistência, a radicalidade e a ousadia que o instauraram.



1 Desenho da fachada do Bloco A, Afonso Eduardo Reidy



2 Plantas dos andares do Bloco A

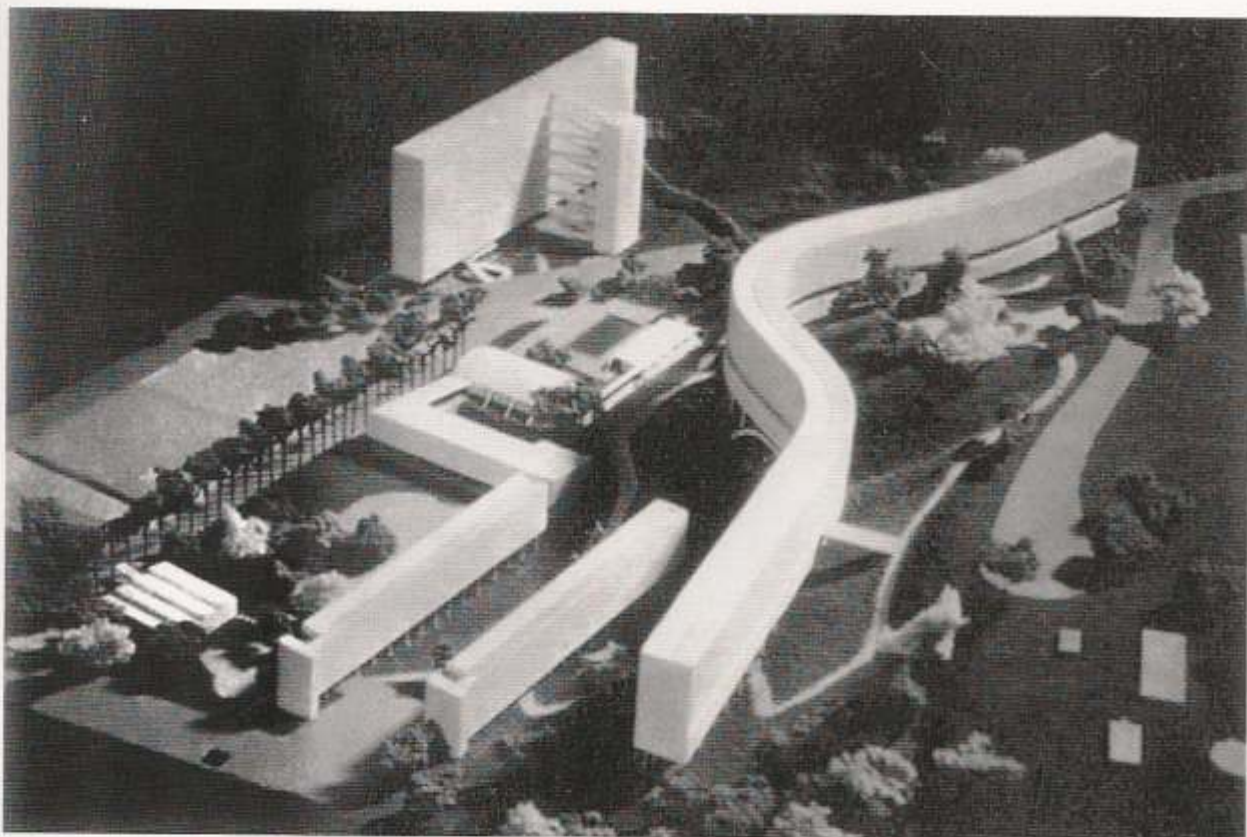
[1] "Conforto" foi citação comum nos depoimentos de habitantes do Pedregulho, palavra mais recorrente quando aliada à moradia, surgida nas entrevistas que Helga Santos da Silva, arquiteta e professora, realizou como parte de sua pesquisa de mestrado e atualmente doutorado na UFRJ, Rio de Janeiro. Mais informações em <http://www.cipedia.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=162556>.

[2] Monumentalização e patrimonialização são palavras cujo "valor" tem crescido atualmente. Além de procurarem dar conta da preservação cultural e estrutural, elas podem ser invocadas na valorização das cidades contemporâneas transformadas em mercadorias e competitivas entre si, fenômeno alardeado por críticos do urbanismo contemporâneo. Como dado da situação atual do Pedregulho, nos parece essencial afirmar que o Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes é tombado pela Prefeitura do Rio de Janeiro. O tombamento, contudo, não é suficiente para impulsionar a manutenção necessária para que o conjunto não se deteriore. Atualmente foi retomado um projeto de restauro, que será licitado.

[3] Sugerimos a leitura de: BONDUK, Nabil. (org. e textos) e PORTINHO, Carmem. (textos). *Afonso Eduardo Reidy*. Lisboa: Editora Biau, 2000; e PORTINHO, Carmem. *Por toda a minha vida*: depoimento a Geraldo Edson de Andrade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

[4] É interessante observar críticas ao projeto de Brasília, por exemplo, atualizando-as no projeto do Pedregulho. Paulo Bicca traz o conceito de Marx e Engels de uma "burguesia socialista" cujo falso socialismo na verdade promoveria a segregação social, reificando a autoridade do arquiteto, do governante, do "diretor da fábrica" e deixando aos operários a execução de um projeto no qual não poderiam interferir. Ver BICCA, Paulo. Brasília: mitos e realidades. Em *Brasília em questão*. São Paulo: Editora Projeto, 1985, p.129-130.

[5] Em 1951 Reidy recebe prêmio da Bienal de Arte de São Paulo pelo projeto do Pedregulho. Imagens 1, 2 e 3: BONDUK, Nabil. (org. e textos) PORTINHO, Carmem (textos). *Op. cit.*



3 Maquete do Conjunto com bloco D não construído



Fotografia da moradora Mara de Carvalho em oficina orientada por Katerina Dimitrova

Grupo de estudos

O projeto realizou no final de semana de 17 e 18 de outubro o Grupo de Estudos com o objetivo de viabilizar o primeiro contato entre os participantes. Convidamos Alfredo Brito (arquiteto e urbanista) para apresentar o projeto arquitetônico do Complexo, introduzindo a equipe ao contexto. Brito ministrou uma aula sobre o período, relatando sua proximidade com os responsáveis pelo Conjunto Habitacional, Affonso Eduardo Reidy e Carmen Portinho. Foram realizadas também apresentações por parte dos artistas, críticos, arquitetos e demais colaboradores do projeto. O encontro proporcionou trocas interessantes entre os participantes, assim como se tornou um momento de aprendizagem sobre o Pedregulho. A realização do Grupo de Estudos foi difundida para os moradores com a entrega de um texto-convide em todos os apartamentos.



Hamilton Marinho e Alfredo Brito (ao fundo)



Conversas no MAM

Com o intuito de trazer a um público de interesse as residências no Pedregulho, ao final de cada período foi realizada uma mesa de Conversa no Museu de Arte Moderna (MAM/RJ). Escolhemos este edifício para celebrar o projeto igualmente idealizado por Reidy e Portinho. O objetivo da Conversa, além de relatar a experiência de moradia e as ações desenvolvidas no Pedregulho para um público que até então não havia partilhado da experiência era estabelecer um território essencial de elaboração crítica do projeto como um todo e a interferência das realizações no cotidiano entre artistas, colaboradores e moradores, assim como investigar caminhos futuros do Conjunto.



Residência 1: 19/10 a 7/11/09 | Jarbas Lopes e Katerina Dimitrova + Felipe Scovino + Wellington Cançado

Wellington Cançado

Vizinhanças transitórias

Passado, presente e futuro coexistem desde sempre no Pedregulho. Afinal, quando termina a utopia, onde começa a realidade e o que ainda é projeto? Como viver despreziosamente uma vida comum em uma ambiciosa estrutura ideal? Como agenciar o embate crucial entre uma arquitetura tão determinante e milhares de vidas insubordinadas? Como criar alternativas e espaços concretos de autonomia e solidariedade dentro de um "sistema" heterônomo, hierárquico e paternalista? Como reprogramar os vestígios da passagem do tempo e da ação humana para o futuro? Como habitar no presente as utopias herdadas?

Felipe Scovino

Inserções em circuitos sociais

Jarbas e Katerina, mesmo que involuntariamente, deslocaram a arte para um campo de legitimação política por meio da exposição dos limites e contradições do próprio discurso político (as exclusões violentas implícitas no consenso democrático e no próprio projeto moderno de arquitetura no Brasil) a partir de uma perspectiva em que o artista se colocou não como "artista político", mas como um artista que "faz arte politicamente". Se pensarmos numa função para a arte, ela reside precisamente na sua habilidade de desestabilizar e criticar as formas convencionais (ou distorcidas) de representação e identidade.



Foto: Aline Cunha

Intervenção da artista Cláudia Herz no corredor do sexto andar em frente ao apartamento de residência.



Foto: Bruno Assunção

Apresentação da obra dos artistas para os moradores



Desenhos de crianças vizinhas produzidos nos encontros de desenhos coletivos organizados por Jarbas e Katerina



Foto Bruno Jacomino

Pagode no Minhocão. Roda de samba na área comum do Conjunto com a presença de músicos convidados



Fotografia da moradora Mara de Carvalho em oficina orientada por Katerina Dimitrova



Comemoração do aniversário da Janaina, filha de Jarbas



Residência 2: 13/11 a 2/12/09 | Kaza Vazia + Markito Fonseca + Luiz Guilherme Vergara

Markito Fonseca

Pensamentos compartilhados

Ideias e vivências são compartilhadas, e o projeto começa a ter uma *cara*, tornando-se mais visível para todos. E começa a crescer. As ideias se materializam, o grupo mostra seu fôlego, cada espaço do "Minhocão" parece sugerir alguma ação. São muitas as oficinas, muitas as *mezas vazias*, muito estudo, pesquisa, brincadeira, festa, companheirismo e amizade.

Para brindar tudo isso, muita cachacinha e queijo, lá de Belzonte!

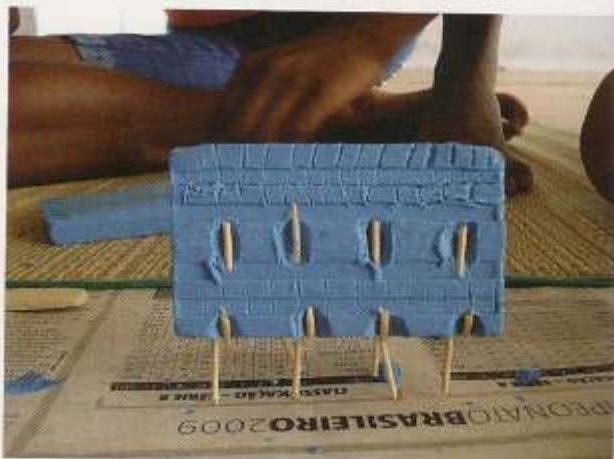
Fiquei tocado, um grupo trabalhador, questionador e crítico. Os Kaseiros têm Poesia!

Os Kaseiros têm som. Som do berimbau do Tales, sempre anunciando que vai acontecer algo, chamando para saudar o Sol, para um bate-papo nas *mezas vazias*, para a fala de um visitante. O som do berimbau circula pelos corredores, como se estivesse chamando: *Ô de Kaza, só, posso entrar?*

Luiz Guilherme Vergara

Kaza Vazia – Oficina de esperanças

O coletivo Kaza Vazia absorve para a sua prática o sentido do seu nome: primeiramente da junção de casa e vazio como potência plena de inaugurar, ocupar o desocupado, o baldio, nos limites entre ser e não ser jogos de subversão com o estado de infância: estado de plena contingência, plena possibilidade. (...) Essas ações remetem a utopias emergentes de raízes – aproximam-se de um sentido pedagógico-existencial como estado de infância-linguagem, em que o conhecimento é reinventado na medida em que inaugura convivências pela colaboração de saberes (...) *pregnância e gestação coletiva que não deixa de ser um estado "de risco uterino da linguagem por nascer"* – pré-enunciada. É a ousadia invertida de assumir o vazio para a *des-criação* – como as abelhas nas colmeias.



Oficina de Pedra-Sabão realizada pelo coletivo Kaza Vazia no Komplexo Kultural.



Pesquisa e oficina no Komplexo Kultural Minhocão.



Ação Quadro Vazio na Praia de Kopakana



Residência 3: 4/12 a 23/12 | Luiza Baldan + Maurício Lissovsky + Associação Chiq da Silva

Chiq da Silva

Entre retratos e grades

Das modificações estruturais do projeto, talvez a que mais impressione seja a separação dos corredores por grades em cada escada de acesso vertical. Apesar de pouco confrontar visualmente com o projeto original, a grade é totalmente contrária ao conceito arquitetônico de liberdade de fluxos proposto por Reidy. Indo de encontro às vontades da época, em um prédio de 260 metros de comprimento, grupos e até mesmo pequenos condomínios se formaram. (...) Pareceu-nos importante desenhar um mapa da intervenção sugerida pela artista, confrontando os locais de moradia das pessoas com as quais ela teria mais facilidade de contato com os locais frequentados e escolhidos para a foto no prédio.

Maurício Lissovsky

A descoberta da porosidade

Há um inquérito em curso nos caminhos do Pedregulho, uma questão que está sempre sendo refeita desde a sua construção pela Prefeitura do antigo Distrito Federal: como pode um lugar tornar-se seu? Qualquer lugar e este lugar em particular? A artista percebe que no "Minhocão" essa pergunta é ainda mais difícil de responder, pois não há mais Distrito Federal, nem funcionários, nem lavanderia, nem modernismo, nem certeza sobre o futuro. (...) Terceira porosidade da fotografia: restituição. Pois foram, de fato, duas residências: a de Luiza no apartamento 613 e a das imagens nas latências do filme e da memória. Pois a "novidade" era ter de esperar para ver os retratos, ter de aguardar que retornassem de seu misterioso exílio fotoquímico para que então – revelados e ampliados – nos restituissem o Lugar. (...) Nos retratos de seus lugares próprios, o Pedregulho é redescoberto por si mesmo em sua beleza esquecida, pedra porosa diluída no habitar.



Mariana Baptista de Carvalho e Luiza Baldan



Moradores fotografando o prédio



Foto: Daniela Martins



Foto: Luiza Tadeu

Marcas do projeto na porta de entrada do apartamento 613



Foto: Luiza Tadeu

Residência 4: 13/1 a 1º/2/10 | Coletivo Frente 3 de Fevereiro + Marisa Flório César + Clara Passaro e Paola Berenstein Jacques

Marisa Flório César

O aqui também é lá

Desde logo, o coletivo Frente 3 de Fevereiro definiu sua pretensão. (...) Se a arquitetura moderna se pretendia acolhedora, seria preciso enfrentar o que foi expurgado de seu ideal, enfrentar a cidade como a arena dos conflitos e da convivência de complexas diferenças. Pensar a cidade por seus guetos e exclusões, mas também a partir – e além – do ícone moderno (o edifício transformado em imagem veiculada em livros e sites sobre arquitetura), pensar a própria cidade como extrema exposição, exibindo-se como imagem e espetáculo. (...) Por isso o foco do coletivo convergiria para as fronteiras internas da cidade; para a falácia por trás dos discursos de convivência pacífica das diferenças; para os símbolos manipulados e espetacularizados desses apaziguamentos e alegrias coletivas, como o Carnaval e a praia. Sua atenção se voltaria, finalmente, para a inserção estratégica nas mídias como a televisão, para a intervenção na cidade-imagem.

Clara Passaro e Paola Berenstein Jacques

À proposta do edital de “gerar atrito” entre arte contemporânea e patrimônio histórico, o projeto Pedregulho acrescenta a complexa questão da habitação de interesse social no Brasil. Esse triplo atrito cria tensões que podem nos levar a problemas estéticos como os ditos “usos sociais da arte” e nos ajudar, sobretudo, a problematizar tanto a noção de patrimônio, tão naturalizada, quanto a questão de habitação popular. Entretanto, corre-se o grande risco de, ao buscar uma recuperação “simbólica” de um patrimônio habitacional emblemático mas ainda habitado, apropriado e vivo, contribuir também – dentro do atual processo de espetacularização das cidades – para sua museificação e gentrificação, enobrecimento com a expulsão dos moradores mais pobres.



Grupo preparando para a ação durante Carnaval do Rio de Janeiro no edifício Gustavo Capanema



Capoeira entre o grupo Frente 3 de Fevereiro e Afrofuturismo sobre o muro que cerca a comunidade Santa Marta



Grupo na comunidade Santa Marta



Vista da janela do apartamento à noite

Foto: Daniel Lima



Foto: Daniel Lima

Projeto de intervenção em muro da comunidade Santa Marta



Foto: Cristina Ribal

Workshop Laboratório Frente 3 de Fevereiro proposto pelo grupo